

NINGUÉM É OBRIGADO A PERMANECER CASADO: A RUPTURA DO CONTRATO CONJUGAL NO CONTO *AOS SESSENTA E QUATRO*, DE CÍNTIA MOSCOVICH

Pollianna de Fátima Santos Freire *

Resumo:

O conto “Aos sessenta e quatro”, da autora Cíntia Moscovich, compilado na coletânea *Essa coisa brilhante que é a chuva*, publicada em 2012, traz como personagem principal Neide, representada como uma mulher idosa que aos sessenta e quatro anos, após ser diagnosticada com uma grave doença, começa a questionar os valores que a mantêm presa a uma relação conjugal fracassada. Nessa perspectiva, proponho, a partir de um diálogo entre literatura e sociedade, observar sob quais valores e padrões foi delineada a personagem feminina que, na narrativa, aparece como uma mulher que vivencia conflitos pessoais, conjugais, sexuais e afetivos, bem como analisar se essa literatura contemporânea produzida por mulheres, em uma sociedade que ainda é extremamente conservadora, atua como uma instância de renovação e ruptura de padrões.

Palavras-chave: Conjugalidade. Literatura de autoria feminina. Cíntia Moscovich.

Nas últimas décadas, escritoras e escritores de ficção brasileira contemporânea vêm dedicando-se à representação de diversos grupos minoritários que não tinham espaço na produção literária dos escritores consagrados pelo cânone nacional — constituído e edificado a partir de obras produzidas por homens heterossexuais, brancos e de classe média alta. Da forma como o cânone se configurou, grupos minoritários como mulheres, negros, lésbicas e gays, por exemplo, pouco aparecem nessa ficção consagrada ocupando uma posição de privilégio, e quando são representados aparecem, em sua maioria, como personagens estereotipadas que estão às margens das relações sociais e de poder reguladas pelos grupos dominantes⁴³.

Nessa perspectiva, a crítica literária feminista, consolidada na década de 70 do século passado, vem questionando ao longo do tempo não só o alijamento dos grupos minoritários do campo literário, como também vem atuando politicamente para que esses

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (UNB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: polly_freire@hotmail.com

⁴³ Na pesquisa “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1994-2004”, coordenada pela pesquisadora Regina Daslcastagné, constatou-se, por meio da investigação de 258 romances, publicados entre 1990 e 2004 pelas editoras Companhia das Letras, Record e Rocco, que a personagem do romance brasileiro contemporâneo é predominantemente do sexo masculino (entre as personagens estudadas, 773 (62,1%) são do sexo masculino, contra apenas 471 (37,8%) do sexo feminino). As mulheres, além de serem minoritárias nos romances, têm menos acesso à “voz” — isto é, à posição de narradoras — e ocupam menos as posições de maior importância. Ademais, o espaço ocupado pelas personagens mulheres representadas no romance brasileiro contemporâneo é, sobretudo, o espaço doméstico. Com relação à cor, observou-se que a personagem do romance brasileiro contemporâneo é branca, já que os brancos somam quase quatro quintos das personagens, com uma frequência mais de dez vezes maior do que a categoria seguinte (negros). E, por fim, a orientação sexual das personagens dos romances também mostra uma clara preponderância, com uma ampla maioria heterossexual — mais de 90% das personagens são heterossexuais.

grupos, sobretudo às mulheres, por meio da escrita literária, se autorrepresente ou trabalhe com a representação das minorias a fim de questionar e desestabilizar as estruturas sociais conservadoras que, durante séculos, calcaram a nossa produção literária. Para Tânia Pellegrini,

Tanto a literatura de temática homossexual, como a “literatura feita por mulheres” — às vezes até a despeito de sua própria intencionalidade, em cada autor/a específico/a —, assumem uma função política própria, a sua micropolítica, na medida em que procuram, por meio das mais diferentes formas de representação, demonstrar noções conservadoras de sexo e/ou gênero, reconstruindo, revalorizando e revitalizando aspectos de cada um, sempre escamoteados ou censurados pelas estruturas sociais conservadoras. (Pellegrini, 2008, p. 23)

Considerando a perspectiva de que é mediante as mais diferentes formas de representação que parte da literatura de autoria feminina vem denunciando as noções conservadoras de sexo e/ou gênero que ainda sustentam as estruturas sociais, na minha pesquisa proponho investigar a representação das relações conjugais dentro da ficção brasileira contemporânea de autoria feminina, uma vez que o casamento legitimado, primeiramente, pela religião e, posteriormente, pelas leis civis do Estado foi, desde o século XIX, estabelecido como uma das instituições mais importantes para veiculação da moralidade burguesa. Pedro Paulo de Oliveira, em seu estudo sobre a construção da masculinidade, afirma que:

(...) no século XIX, a religião se incumbia, principalmente, de promover a moralidade tipicamente burguesa (...) Uma das instituições mais importantes e que serviu de modo fundamental para veicular esse tipo de moralidade foi o casamento, visto como consequência natural da vida do cidadão comum e também como uma barreira contra os vícios e a degeneração. A contenção, a moderação, o autocontrole burguês eram tidos como fundamentais tanto para a vida familiar quanto para os futuros chefes de família. (Oliveira, 2004, p. 49)

Nesse sentido, as narrativas que foram selecionadas para compor o *corpus* da minha pesquisa privilegiam a representação das relações conjugais tradicionais, ou seja, aquela entendida como uma relação monogâmica, estabelecida entre um homem e uma mulher, reconhecida pelas leis civis do Estado, conforme estatuído pelo primeiro Código Civil brasileiro, publicado em 1916. No trabalho, o meu objetivo é analisar como é representada a conjugalidade em narrativas de Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles e Cíntia Moscovich para tentar compreender sob quais valores a personagem feminina casada vem sendo representada na ficção brasileira contemporânea desde a década de 60 do século passado até a contemporaneidade.

Nesse sentido, investigo como vem sendo representada a conjugalidade, nos contos das três autoras, a partir da perspectiva das personagens femininas, e observo como questões intrínsecas ao relacionamento conjugal — sexualidade, maternidade, lugares que as mulheres ocupam na esfera privada e pública — são representadas por essas autoras, bem como analiso se essas relações ainda se aproximam dos modelos preconizados pelo patriarcado, entendido, aqui, como “(...) o poder efetivo e socialmente sancionado da figura do pai dentro do núcleo familiar” (Oliveira, 2004, p. 103).

No que diz respeito ao processo de seleção das escritoras, a escolha de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles se deve a elementos como a posição que essas autoras ocupam no campo literário⁴⁴ brasileiro. Como as duas escritoras são consagradas pelo cânone e têm a sua literatura legitimada por agentes que atuam dentro do campo literário como, por exemplo, as editoras, os críticos e as próprias leitoras e leitores, analiso como ocorre a representação da conjugalidade em produções literárias de autoras consideradas centrais no campo literário brasileiro.

No caso de Cíntia Moscovich, os critérios de seleção também estão relacionados à posição que essa autora ocupa no campo literário. Embora a sua produção literária ainda não seja considerada central no campo, os seus textos estão sendo validados pelos agentes que legitimam a produção de uma autora/o no meio literário. Com relação à notoriedade que a escritora vem ganhando no cenário nacional, Virgínia Maria Vasconcelos Leal afirma que:

Publicada pela Record, após anos de contrato com a editora gaúcha L&PM, a escritora tem se destacado também pelos seus livros de contos, além de ter participado de antologias como *Geração 90* (a única mulher a participar do primeiro volume da antologia de Nelson de Oliveira) e *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*, organizada por Luiz Ruffato. Seus livros de contos foram indicados (como *O reino das cebolas*) ou receberam prêmios, como o Açorianos (*Anotações durante o incêndio*) e 3º lugar do Jabuti (*Arquitetura do arco-íris*), além de indicações para o Prêmio Portugal Telecom e da revista Bravo!. (Leal, 2008, p. 178)

A partir das considerações apresentadas acima, é possível observar que a escritora vem ganhando espaço no cenário nacional por meio da legitimação de sua escrita pelos agentes do campo literário, como, por exemplo, as editoras — as duas últimas coletâneas de contos de Cíntia Moscovich foram publicadas pela editora Record — e as práticas discursivas, como, por exemplo, os discursos da mídia e dos júris de concursos literários:

⁴⁴ O conceito de campo literário será entendido, aqui, a partir das concepções do sociólogo Pierre Bourdieu que, em seu livro *As regras da arte* (1996), concebe o campo literário como um espaço de relações entre os/as diversos/as agentes, como autores/as, críticos/as e editores/as, que funcionam como mediadores/as entre os produtores/as, a obra e o público.

em 2013, a autora ganhou o primeiro lugar no Prêmio Literário Portugal Telecom, na categoria contos/crônica, bem como foi a vencedora do Prêmio Clarice Lispector, concedido pela Fundação Biblioteca Nacional.

Nesse contexto, as narrativas de Cíntia Moscovich escolhidas para compor o *corpus* da dissertação incluem o conto “Aos sessenta e quatro”, compilado na coletânea *Essa coisa brilhante que é a chuva*, publicada em 2012. Essa narrativa traz como personagem principal Neide, representada como uma mulher idosa que, após ser diagnóstica com uma grave doença, começa a questionar alguns valores que regem a sua conduta pessoal e que estão atrelados, principalmente, aos motivos que ainda a leva a manter-se em uma relação conjugal fracassada.

Neide pode ser analisada como uma representação de personagem feminina inscrita nos paradigmas regidos pela tradição patriarcal. Casou-se jovem, gerou filhos e, como esposa resignada, manteve-se por mais de trinta anos fiel a um marido acomodado e desinteressante. Entretanto, em um dia banal, assistindo televisão, sente-se provocada pelo comentário de uma apresentadora que diz que “ninguém é obrigado a parecer velho” (Moscovich, 2012, p. 81).

Pela virada do enredo, as reflexões que levam-na à consciência de ter chegado à velhice ao lado de um marido que havia muito tempo deixara de amar, atrelada a um diagnóstico grave e inesperado, configura-se como força necessária para desafiar a acomodação que permeia sua vida. Juntamente com a certeza de que o tempo estava passando veio a doença que poderia representar um fim, mas que, no caso de Neide, aparece acompanhada da possibilidade de recomeço. Os laços matrimoniais que ainda resistiam devido à resignação são rompidos e ela decide viver a própria vida. Todas essas tensões pessoais e afetivas que envolvem a vida da personagem culminam no encontro com os seus próprios desejos e ancoram todo o desenvolvimento da narrativa.

Nesse conto são problematizadas questões que envolvem a velhice, o corpo, a saúde e o divórcio na terceira idade. Como estratégia literária presente em várias narrativas, nesta também, a doença representa o momento de crise que leva a personagem à beira da morte se interpelar a respeito das próprias escolhas e do silenciamento ao qual se submete em relação às suas insatisfações, sobretudo as conjugais. Neide começa a pensar em sua própria vida depois de descobrir que a velhice começa aos trinta e seis anos. Então, ela se dá conta de que nessa idade já era casada havia mais de dez anos, já tinha os dois filhos e sustentava a casa e o marido desempregado.

A virada no enredo da narrativa ocorre após a personagem descobrir que está doente e precisa ser operada. Depois de passar a noite elaborando o diagnóstico que recebe em uma consulta médica, ela liga para os filhos e pede para que eles busquem o pai, já que ela não queria mais viver ao lado de João Carlos. A mudança de postura denota que o conflito que a personagem vivenciava estava atrelado muito mais ao fato de manter um casamento desgastado, uma relação deserotizada, sustentada somente por uma convenção social, do que lidar com a idade e com a doença.

A notícia da separação causa estranhamento nos filhos, afinal eles consideram que é a obrigação da mãe cuidar do pai e que, naquela altura da vida, a mãe decidir se separar seria insanidade. No entanto, os filhos não conseguem dissuadir a personagem que, decididamente, não quer mais sustentar o casamento.

—Você sabe que seu pai não discute. Levem João Carlos para Goiânia.
O rapaz se desesperava, tanta coisa acontecendo, ela era uma mulher casada e deveria cuidar do marido, eles nem sabiam como cuidar do pai. Neide se irritou:
— Garanto que cuidar do pai de vocês é o mesmo que lidar com títica de galinha.
E bateu o telefone.(Moscovich, 2012, p. 92)

A personagem, enquadrada em moldes patriarcais, ousa questionar os parâmetros que sempre orientaram sua conduta pessoal. Primeiro vem o casamento, necessidade de adequação a um padrão. Depois a maternidade, objetivo precípua da conjugalidade e da sexualidade, segundo a tradição religiosa e patriarcal. Ela só muda de atitude depois que se dá conta de que pode morrer, então decide romper com o silenciamento e livrar-se das suas decepções conjugais separando-se de João Carlos. Ao longo da narrativa, os conflitos que culminaram no drama vivenciado pela personagem vão ficando cada vez mais visíveis.

Após a separação, a personagem submete-se à cirurgia e, pela condução do enredo, a única pessoa que sabe e acompanha o procedimento é um amigo chamado Alcindo. A narrativa sugere também um possível envolvimento amoroso entre os dois, já que para os médicos ele é o marido de Neide.

_ O médico mandou dizer que tudo correu bem. Seu marido já foi avisado, Descanse.
Um grande alívio lhe ocorreu, e ela pensou que morrer era tão fácil e agradeceu a Deus muito e muito, ainda mais porque, ao fechar uma porta, Ele lhe abriu uma janela. Pensou também que ninguém é obrigado a parecer velho e que pior que envelhecer era morrer. Pensou que a doença era da vida e que os gêmeos ficariam preocupados assim que Alcindo lhes avisasse da cirurgia e da mudança das coisas. Pensou, pensou, pensou. Entregou-se ao torpor com quase felicidade.
(Moscovich, 2012, p.95)

Embora esse possível envolvimento entre Neide e Alcindo possa sugerir a reprodução da ideia da necessidade de a mulher estar sempre acompanhada de um homem

para sentir-se feliz e realizada — e com relação a esse problema, Carole Pateman, em seu artigo *Críticas feministas à dicotomia público/privado*, salienta que “a ideia de que “o pessoal é político” tem chamado a atenção das mulheres para a maneira com que somos incentivadas a ver a vida social em termos pessoais, como uma questão de capacidade individual ou sorte para encontrar um homem decente com quem se casar (...)” (Pateman, p. 55, 2013)—, é importante salientar que, ao representar determinados valores, como a atitude da personagem em romper os laços matrimoniais que resistiam em detrimento da satisfação pessoal, a autora Cíntia Moscovich já denota em seu conto as mudanças significativas que vêm ocorrendo nas estruturas sociais no que concerne às relações de gênero e que estão afetando também a representação literária, que ao menos vem se mostrando resistente à reprodução de determinados padrões.

Analisar como a personagem feminina está sendo representada na narrativa contemporânea implica necessariamente lembrar que a sociedade brasileira foi edificada dentro dos moldes patriarcais que, conseqüentemente, colocavam o homem no centro das relações sociais e de poder, incluindo as práticas artísticas. Assim, a forma como a autora representa a personagem em análise pode servir à discussão de como a ação dos feminismos e suas reivindicações nas práticas sociais vem afetando a vida das mulheres ao longo do tempo, e como a literatura tem funcionado como um mecanismo de resistência e ruptura desses padrões que colocam o homem no centro das relações sociais e que mantêm a mulher marginalizada da esfera pública e, conseqüentemente, do poder. Segundo Rita Terezinha Schmidt:

Para nós, da literatura, que trabalhamos com sistemas estéticos/cognitivos/simbólicos/textuais – pois é desse lugar que posso falar – o exercício da crítica literária através de uma política interpretativa sustentada por estratégias textuais que possam decodificar os regimes de verdade incrustados nos textos da cultura, deslocar suas hierarquias e abrir espaços para as diferenças é a forma mais importante de construir novos conhecimentos sobre quem somos nós. Não se trata de produzir conhecimentos sobre determinados sujeitos, mas de articular um projeto epistemológico através de uma prática discursiva intervencionista que produza reflexões sobre os sentidos da dominação e as práticas domésticas de colonização, inclusive a intelectual. (Schmidt, 2006, p. 795)

As reflexões da autora ratificam o papel da crítica literária e da literatura enquanto mecanismos que pensam as margens e os processos sociais e políticos que privilegiam as relações de dominação masculina tanto na esfera privada, por meio de instâncias de manutenção de poder e controle das mulheres, como o casamento, quanto na esfera pública, por meio do controle do campo literário, como o alijamento de mulheres escritoras do cânone nacional. Como a literatura, nos termos de Schmidt, cria, por meio da

representação, condições para a produção de uma nova forma de pensar a cultura e o próprio fazer literário à luz de intersecções de classe social, raça e gênero, faz-se necessário observar se a representação das minorias, por meio da literatura produzida pelas próprias minorias, como no caso das literaturas de autoria feminina, trabalha e consegue romper com os valores que sustentam as relações de domínio na sociedade.

Nesse conto, por exemplo, Neide contraria a lógica patriarcal ao se divorciar do esposo e decidir viver uma vida independente, sobretudo do fardo que era o casamento. Esse aspecto é relevante para essa discussão porque muitas mulheres, a despeito da independência financeira, continuam excessivamente dependentes emocionalmente de seus maridos e companheiros, e muitas vezes preferem viver a insatisfação na vida conjugal do que abrir mão da união. Ou, ainda, temem a solidão e o estigma que ainda sobrevive em alguns meios em relação à condição de divorciadas, por isso preferem sustentar uma relação afetiva ou conjugal, mesmo em condições de degradação moral, do que se separarem dos parceiros.

Nos últimos anos, além dos escritos produzidos por mulheres terem ganhado espaço no cenário nacional, a literatura de autoria feminina vem também trabalhando com um modelo de representação transgressora em relação aos modelos hegemônicos tradicionais. Considerando-se que, ao longo do tempo, a forma como a mulher foi representada na literatura, tanto por homens quanto pelas próprias mulheres, na maioria das vezes, serviu para sustentar as relações de domínio estabelecidas pela sociedade patriarcal, é possível afirmar, a partir da breve análise realizada sobre a condição da personagem feminina casada representada pela autora Cíntia Moscovich, que essa literatura de autoria feminina — construtora e desconstrutora das teorias de gênero —, produzida em uma sociedade que ainda é extremamente conservadora, vem atuando, embora timidamente, como uma instância de renovação e ruptura de padrões.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre (1996). *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.
- DALCASTAGNÉ, Regina (2005). “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 26. Brasília, p. 13-71.
- LAURETIS, Teresa de (1994). “A tecnologia do gênero”. Trad. de Susana Borneo Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.

- LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (2008). *As escritoras contemporâneas e o campo Literário brasileiro: uma relação de gênero*. Tese de doutorado – Universidade de Brasília. Brasília.
- MOSCOVICH, Cíntia (2012). “Aos sessenta e quatro”. *Essa coisa brilhante que é a chuva*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo (2004). “Macho Divinizado; Capitalismo Cósmico”. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ.
- PATEMAN, Carole (2013). “Críticas feministas à dicotomia público/privado”. *Teoria política feminista: textos centrais*. Luis Felipe Miguel e Flávia Birole (organização) – Vinhedo, Editora Horizonte.
- PELLEGRINI, Tânia (2008). *Despropósitos: estudos da ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Annablume; Fapesp.
- SCHMIDT, Rita Terezinha (2006). “Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira”. *Revista Estudos Feministas* v.14, nº 3. Florianópolis, setembro-dezembro de 2006, pp.765-99.
- ZOLIN, Lúcia Osana (2009). “Literatura de Autoria Feminina”. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*/organização Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. 3 ed. rev. e amp. - - Maringá: Eduem, 2009.